

BOLÍVAR, PARA ALÉM DAS REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS POLÍTICOS: AS INFLUÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO DO “HERÓI” NA AMÉRICA LATINA E NA HISTORIOGRAFIA

Maria de Fátima Rufino de Souza*

Maria Zélia Marques da Silva

RESUMO

O presente artigo analisa a utilização dos discursos e da imagem de Simón Bolívar na atualidade política da América Latina, assim como a exaltação da figura “do libertador”, não somente por parte dos ideólogos do Estado, como também as influências que essas representações têm sobre parte da comunidade acadêmica e da escrita da história. Apresenta ainda uma interpretação do culto ao “herói” considerado por muitos o Libertador da América, além de discutir a apropriação desse herói para a legitimação de sistemas e ideologias políticas, fazendo uma análise histórica dos discursos bolivarianos.

Palavras-Chave: Simón Bolívar; Herói; América Latina; Historiografia.

INTRODUÇÃO

Os discursos integracionistas e libertários que tomam por base o pensamento bolivariano presentes nas pautas de discussões de vários líderes políticos latino americanos, chamam a atenção para a utilização da imagem e das representações simbólicas de Simón Bolívar. Pretende-se, por meio deste trabalho, analisar essas utilizações e reapropriações simbólicas de um ser histórico transformado em ser heróico¹, suas possíveis utilidades ou finalidades, tentando também compreender Bolívar dentro de sua historicidade, procurando

* As autoras cursam Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará.

perceber as vigências e os anacronismos do discurso bolivariano na América Latina de inícios do século XXI.

Para tanto, analisou-se textos escritos pelo próprio Bolívar como: “A carta de Jamaica”, “o Discurso inaugural do Congresso de Angostura” e o “Manifesto de Cartagena²”, documentos que têm sido fonte de interpretações de políticos, ideólogos e intelectuais que entendem tais idéias das mais diferentes formas e para os mais variados fins mas que geralmente produzem leituras apaixonadas e tendentes a concordar com a opinião do próprio Bolívar sobre sua atuação, expressada, por exemplo, no discurso de Angostura: “En medio de este piélago de Angustia no he sido más que vil juguete del huracán revolucionário que me arrastaba como débil paja. Yo no podia hacer bien ni mal; fuerzas irresistibles han dirigido la marcha de nuestros sucesos³”.

O artigo divide-se em três partes. Na primeira, Bolívar para além dos discursos políticos, apresenta-se uma interpretação de como se dá o processo de construção do chamado “herói nacional” a partir das leituras de José Murilo de Carvalho⁴ e Paulo Miceli⁵, sendo a figura de Simón Bolívar utilizada como objeto dessa análise e partindo da premissa do uso desse herói como legitimador de políticas governamentais no contexto atual da América Latina.

Na segunda parte, Bolívar um ser Histórico em sua Época, considera-se os discursos de Bolívar e suas idéias situadas historicamente, assim como a contemporaneidade de seu pensamento político e econômico.

Na terceira parte, Um Exemplo de Construção de um Bolívar Heroificado pela Historiografia, é dada ênfase à interpretação de alguns artigos do “Suplemento especial de desenvolvimento Indoamericano, *Simón Bolívar: Economista, ideólogo, político y periodista*”, patrocinado pela universidade Simón Bolívar, Barranquilla, Colômbia, que tem neste caso, um caráter parcial e tendencioso à exaltação do *Caudilho*.

BOLÍVAR PARA ALÉM DOS DISCURSOS POLÍTICOS

No contexto atual da América Latina, com a ascensão de governos de esquerda e às vésperas do bicentenário da Independência, tornou-se recorrente a utilização pelas principais lideranças políticas das idéias e dos discursos de Simón Bolívar, considerado um dos principais sujeitos do processo de emancipação política de parte do continente Americano. Segundo o jornalista e escritor britânico Richard Gott⁶, em muitos países sulamericanos, principalmente na Venezuela, as homenagens a Bolívar não cessam: “aonde quer que se vá, na Venezuela e, aliás, em boa parte da América Latina, pode-se encontrar um eféigie de Simon Bolívar[...]pode ser uma estátua na praça principal, um retrato em um gabinete ministerial, ou um grafite em uma parede”.

Durante o discurso do presidente da Venezuela, Hugo Chávez Frias, na Sexagésima Assembléia Geral das Organizações das Nações Unidas, em Nova Iorque, em 15 de setembro de 2005, as citações a Simón Bolívar foram recorrentes. No final de seu discurso, Chávez afirmou:

Pois bem, nós lutaremos pela Venezuela, pela integração latino-americana e pelo mundo. Reafirmamos aqui nesse salão, nossa infinita fé no homem, hoje sedento de paz e de justiça para sobreviver como espécie. Simón Bolívar, pai de nossa pátria e guia de nossa revolução, jurou não dar descanso a seu braço, nem repouso a sua alma, até ver a América livre. Não demos nós descanso a nossos braços, nem repouso a nossas almas até salvar a humanidade. (CHÁVEZ, 15 de setembro de 2005)⁷.

A política Venezuelana atual procura, como afirma Richard Goot e o próprio presidente da Venezuela, Hugo Chávez, “reacender o sonho bolivariano”⁸. Tanto é que, em 1999, o país foi rebatizado de República Bolivariana da Venezuela. Durante os anos de 1980, em seus primeiros contatos com a esquerda revolucionária, quando começava a planejar sua conspiração militar, Chávez encontrou na figura de Bolívar e nos ideais do mesmo uma forma de comunicação com os movimentos esquerdistas que desejam uma revolução radical.

Da mesma forma o presidente brasileiro, Luis Inácio Lula da Silva, na III reunião de presidentes da América do Sul, em Cusco, no dia 08 de Dezembro de 2004, diz:

[...] estejam certos que nós iremos continuar fazendo todo esforço que estiver ao nosso alcance, todas as conversas possíveis e necessárias, todas as viagens que forem necessárias, para que a integração sonhada por Bolívar, definitivamente, se concretize nos próximos anos, no nosso continente. (LULA, Discurso em 08 de Dezembro de 2004)⁹.

Para além das palavras e discursos, a figura de Bolívar está presente também nos gestos e nas representações simbólicas de várias lideranças políticas na América Latina. A mídia, de modo geral, noticiou como Álvaro Uribe, presidente da Colômbia, durante o seu discurso de posse, ergueu uma réplica da espada de Bolívar. No seu primeiro dia como presidente da Bolívia, Evo Morales, entregou a Hugo Chávez um quadro de Simón Bolívar, desenhado com folhas de coca. No Brasil, o Deputado Federal Aldo Rebelo, ao assumir o cargo de presidente da Câmara dos Deputados, tinha um retrato de Bolívar no seu gabinete, o que chamou a atenção de alguns jornalistas, que inclusive questionaram-se sobre o porquê da imagem de Bolívar, um venezuelano, e não algum “herói nacional”, como Tiradentes, por exemplo.

Por que, quase duzentos anos depois, as idéias de Bolívar ainda influenciam o pensamento político-econômico desses líderes? E para além das idéias, como a simples evocação da imagem de Bolívar ou o fazer lembrar intencional do “herói”, causa efeito tão significativo sobre a população latino-americana? Como se deu a construção dessa identificação popular e a exaltação da figura “del libertador”?

O culto aos heróis é amplamente utilizado para legitimação dos sistemas políticos. Como afirma José Murilo de carvalho ¹⁰, “não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico”. A construção do herói não é, porém, arbitrária, a efetivação de um símbolo no imaginário popular não acontece sem resistência ou sem uma certa “sintonia” entre o ser heroificado e o coletivo. Da mesma forma, a identificação com os símbolos não se dá de forma natural. Neste processo, tem muita influência tanto a política oficial dos governos, a ação da mídia, mas também a escrita de uma história que se ocupa das grandes figuras.

A exaltação de Bolívar não parte apenas de políticos ou dos ideólogos do Estado, mas é válido questionar-se também, até que ponto essa “imagem construída” de um Bolívar heróico, mitificado, exaltado e deificado é interpretada ou consumida pela população¹¹. De que formas a sociedade se apropria de uma “estratégia” oficial de utilização de um herói tanto para legitimação do poder das idéias políticas, econômicas, como para a construção de uma identidade nacional. O Bolívar dos políticos, citado em discursos, evocado através de gestos e imagens é o mesmo Bolívar entendido e reapropriado pela população?

Dentro da construção do Bolívar heroificado, existe toda uma relação entre o “herói” e a população em geral. É preciso haver certa identificação entre ambos; o símbolo precisa afetar a coletividade para que o intento de transformar o ser histórico em ser heróico – romantizado, idealizado – não seja improfícuo.

Para José Murilo de Carvalho, “herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado”.¹²

Na história da República do Brasil pode-se encontrar exemplos de tentativas frustradas de transformar em heróis da nação sujeitos que não exerciam qualquer efeito sob a memória coletiva, o que resultou muitas vezes em apenas monumentos, instituições, praças ou feriados que não produzem na sociedade brasileira o efeito desejado, pois esta não se vê, de modo absoluto, representada por estas figuras que lhes parecem tão distantes e estranhas à sua realidade e aspirações. Não foi o caso de Simón Bolívar. De algum modo este latino-americano que, não desmerecendo seus feitos e sua vida de lutas pelos seus ideais, como homem de seu tempo, agiu e pensou dentro de sua época e realidade histórica, possui uma empatia e exerce forte apelo sobre os vários setores da população que anseiam por uma América Latina unida, livre e capaz de defender-se dos efeitos perversos da dominação “imperialista”.

Os que defendem a contemporaneidade do pensamento de Bolívar notam que, devido à maioria das aspirações “del libertador” ainda continuarem a ser utopias, mesmo no decorrer deste início de século XXI, a influência que este exerce sobre os ideais de liberdade para América Latina pode ser considerada atemporal, e que suas idéias e projetos não são de forma nenhuma anacrônicos. Todavia, há os que consideram a utilização da imagem de Bolívar um mero jogo político, uma estratégia para legitimar a atuação dos governos sob a fachada de ideais libertários transcendentais, considerando a reapropriação da figura de Simón Bolívar: um simulacro de uma realidade transposta.

Entretanto, pode-se notar que essa apropriação possui relações bem mais complexas do que as interpretadas nesses dois extremos. Não se pode ressuscitar Bolívar em sua totalidade, mas é inegável a atualidade de vários de seus pensamentos, visto que a história se faz tanto de mudanças como de permanências.

A América Latina de hoje não é e nem poderia ser a mesma de quase dois séculos atrás, mas em algumas situações, há similitudes entre o contexto atual e o vivido e pensado por aquele latino-americano ilustrado, que fazem com que o recorrente retorno a Bolívar, às suas idéias, tenha significância; já que, segundo Paulo Miceli “[...] à maioria dos heróis está reservado um triste destino. Ao saltar de seu tempo, além da consagração póstuma, os heróis são condenados a trabalhar sempre e a dedicar sua vida (ou sua morte) para que os homens sejam salvos de alguma coisa”¹³.

No processo de construção da “identidade nacional”, os heróis têm quase sempre papel fundamental. Os valores a que estão atreladas, as idéias que defendiam, a sua visão de mundo, tudo isso são fatores levados em conta quando da utilização da imagem de sujeitos históricos no papel de exemplos a seguir e admirar. Por isso mesmo, a “escolha” dos indivíduos a serem mitificados ou das representações destes não é inocente. Bolívar concebe uma imagem de “autenticidade latino-americana”, isto é, um *crioullo*¹⁴, que mesmo tendo estudado na Europa e se aproximado dos escritos de europeus como Rousseau, era latino-americano, “filho da terra”, representava o não-europeu num momento de crise

nas relações metrópole/colônia na qual culminaram as independências latino-americanas. Pensava na América Latina para os latino-americanos.

Ao entregar um quadro com a imagem de Bolívar desenhada com folhas de coca para o presidente da Venezuela Hugo Chávez, Evo Morales recorre não só à imagem do “genial libertador”, mas também a um passado pré-colonial, nativo, pois além dele próprio ter sido plantador de coca, este tem todo um significado para as populações pré-colombianas, diferente daquele pensado pelos colonizadores de ontem, considerados “imperialistas” de hoje. A coca remete a um passado não europeu, indígena, nativo, e, entendida como “símbolo nacional”, também é uma forma de negar o imperialismo e a dominação cultural.

BOLÍVAR, UM SER HISTÓRICO EM SUA ÉPOCA

Mas quem foi, afinal, este homem que desperta tantas paixões? Que houve de diferente, de original ou de excepcional na vida de Bolívar que o torna digno de ser considerado por tantos o libertador da América, o “herói”? Nas palavras do poeta mexicano Miguel Otero Silva, “era una sombra inmensa y era un pueblo a su espalda¹⁵”. Quem foi o homem por trás da sombra?

Nascido em 24 de julho de 1783, filho da aristocracia venezuelana e descendente de espanhóis, Bolívar tornou-se órfão de pai aos 2 anos e de mãe aos 9 anos. Entregue aos cuidados de um tio, Carlos Palácios, e também de uma negra chamada Hipólita, por quem teria nutrido grande afeição, fora educado por um pedagogo revolucionário, Simón Carreño Rodríguez, o qual Bolívar tinha como mestre, tendo influenciado muitos de seus pensamentos e idéias libertárias. “Usted formo mi corazón para la libertad, para la justicia, para lo grande, para lo hermoso. Yo he seguido el sendero que usted me señaló”.¹⁶

Em 1799 viajou para a Espanha para terminar seus estudos. Durante essa temporada na Europa, além do casamento com Maria Tereza del Toro y Alaysa (1801), nobre espanhola, que viria a morrer um ano depois, em Caracas, Venezuela, Bolívar aproximou-

se dos ideais iluministas de pensadores europeus como Rosseau,¹⁷ Montesquieu e Voltaire e conheceu o geógrafo naturalista Alexander von Humboldt. Viajou ao México, Havana, Paris e, em Roma, no Monte Sacro, em 1804, fez seu famoso juramento de libertar a América.

Bolívar retorna à Venezuela em 1807, quando se engajou na luta pela independência das colônias americanas do Sul, tornando-se presidente eleito da Venezuela aos 37 anos.

Porém, para o entendimento da fascinação que causa a imagem do caudilho no contexto da América Latina de século XXI, mais importantes que seus feitos como general, suas batalhas –as que ganhou e as que perdeu – as suas atuações políticas, são as idéias de Bolívar no que concerne à América Latina idealizada por ele.

Para o economista José de Consuegra Higgins, o pensamento bolivariano é a fronteira entre a economia colonial e a independente¹⁸. Bolívar pensou assuntos concernentes à realidade da América latina para sua época: integração, escravidão, propriedade territorial, comércio, formas de governo, educação e, ainda segundo Higgins, foi o precursor do pensamento social autêntico para o hemisfério tropical da América. Muitas dessas questões podem ser pensadas ainda em pleno século XXI, e, como afirma o historiador venezuelano Federico Brito Figueroa muitas das idéias, do pensamento político de Bolívar, que impulsionaram a prática das emancipações na hispanoamérica, foram consumidas pelo tempo. Porém, para ele, o significado e a matriz genitora desses pensamentos estão vivos e podem ser incorporadas a nossa contemporaneidade, sendo um guia para as ações revolucionárias no tempo histórico que ele denominou “imperialismo planetário”, cujo centro é constituído pelos Estados Unidos¹⁹.

A questão da integração tem sido amplamente divulgada pela mídia e discutida por políticos e ideólogos, sendo as idéias bolivarianas muitas vezes o centro do assunto. Na “carta da Jamaica”, Bolívar diz: “Yo deseo más que otro alguno ver formar en la América la más grande nacion del mundo, menos por su extensión y riqueza que por su libertad y gloria²⁰”. Bolívar via na Integração um meio de evitar os efeitos mais devastadores da

dominação e do imperialismo. Ou seja, meio de defesa para autonomia e independência, com fins de se alcançar o desenvolvimento econômico e social.

Como se percebe nos trechos dos discursos dos presidentes Hugo Chávez e Lula, citados anteriormente, a Integração latino-americana ainda é uma bandeira levantada pela política governamental na América do Sul. Entretanto, ao contrário do que se pode notar em algumas propostas integracionistas em voga –a ALCA, por exemplo–, que visam abrir caminho e facilitar a atuação do capital estrangeiro e de empresas multinacionais no mercado latino, contribuindo para uma competição desigual e aumento da exploração, Bolívar defendia o fomento do desenvolvimento econômico para o proveito dos próprios latino-americanos e mostrava-se sempre contrário às intervenções estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos, na economia latina, afirmando que “los Estados Unidos parecen destinados por la providencia para plagar la América de miseria a nombre de la libertad”²¹.

Bolívar defendia o comércio entre os países latino americanos, mas considerava os acordos bilaterais entre países débeis e poderosos perigosos, pois estes conduziriam inexoravelmente à dependência. Intentava promover a industrialização no continente, o progresso da agricultura, o fortalecimento do comércio. Uma “reforma agrária” que possibilitasse o cultivo da terra pela população mais pobre – minifúndios –, entre várias outras questões pertinentes à economia e as relações sociais na América Latina.

Outro ponto relevante do pensamento de Bolívar, tanto para sua época como para a atualidade, era sua opinião quanto ao centralismo político e sua idéia de democracia. Na carta da Jamaica, ele afirma: “No convengo en el sistema federal entre los populares y representativos, por ser demasiado perfecto y exigir virtudes y talentos muy superiores a los nuestros [...] es, no obstante, el más opuesto a los intereses de nuestros nacientes estados”²². Para Bolívar, o federalismo, embora fosse o “mais perfeito” sistema de governo, não se adequava às realidades políticas, sociais e econômicas da América Latina, visto que, para o

mesmo, só um governo central, forte seria capaz de manter unidas as nações que surgiam no continente e fomentar o desenvolvimento econômico desta região.

É importante notar, neste ponto, como as idéias de Simón Bolívar são temporais. Por mais que haja permanências entre o contexto histórico da hispanoamérica do início do século XIX e de hoje, início do século XXI, o pensamento de Bolívar não pode ser tomado desconsiderando-se a sua historicidade, pois, ao agir desta forma, corre-se o risco de transformá-lo no tudo e no nada, ou seja, esvaziá-lo de sentido e utilizá-lo para defender qualquer ideologia.

UM EXEMPLO DE CONSTRUÇÃO DE UM BOLÍVAR HEROIFICADO PELA HISTORIOGRAFIA

Das fontes utilizadas para a construção deste artigo, o livro *Simón Bolívar: Economista, ideólogo, político y periodista*, coletânea de artigos presentes no suplemento especial de desenvolvimento Indoamericano, patrocinado pela universidade Simón Bolívar, Barranquilla, Colômbia, chamou bastante atenção pela forma como retrata constantemente a figura de Simón Bolívar, “el genial libertador”, tornando-se, por isso, analisado não somente como fonte, mas também como objeto deste artigo, pois, como já dito antes, a escrita da história e dos textos que influenciam a comunidade acadêmica e que por ela são produzidos também contribui para a exaltação e mitificação de sujeitos históricos.

O livro é constituído por seis artigos, que vão formando um perfil da vida da personalidade e das atuações de Bolívar, reproduzindo algumas de suas idéias econômicas, políticas, suas contribuições como jornalista, além de um artigo sobre a contemporaneidade de seu pensamento. No artigo intitulado *Las ideas Políticas de Bolívar*, o jornalista colombiano Ramiro de La Espriella, chega a questionar-se: “Quien es ese hombre, tan seguro de sí mismo, que se coloca, de pronto, sin permiso de nadie, en su sitio²³?” Mas adiante, sobre a América Latina, os latino-americanos e a influência que o pensamento e a vida de Bolívar exercem sobre essa terra e esse povo, o autor afirma:

Y estamos en el primer día de la creación. Es un mundo que se descubre a si mismo. La tierra. Sólo existe la tierra. Y comienza a aflorar el hombre que la padece. [...] Para que el hombre americano comience a “crearse” él mismo como hombre, hace falta algo más. Sí, hace falta la intensidad de una vida. Una pasión demoledora, y el misterio de la creación. Esos dos valores, la destrucción del presente y la perspectiva del futuro, confluyen en la personalidad de Bolívar y hacen posible su renacer, su presencia. Porque Bolívar está ahí siempre, y más aún, la guerra es larga, no da trazas de terminar jamás. [...] Toda esa gente hecha de barro inmediato y de pasiones elementales no podía ser deslumbrada por nada distinto a una fuerza sobrenatural. En su instante esa fuerza fue Bolívar. (ESPRIELLA, 1999, p.60-61)²⁴.

Analogamente à criação bíblica, o autor considera que Bolívar foi a força sobrenatural criadora da América Latina e dos homens latino-americanos, num momento de ruptura com a subjugação européia. A América Latina deixa de ser extensão da Europa, e vive-se um momento de criação, do nascimento de um Estado Nação, idealizado por Bolívar. Pode-se notar nas falas de autores como de La Espriella e José Consuegra Higgins certo caráter profético das idéias de Bolívar. Seus pensamentos são apresentados com um grau de exatidão que beira a clarividência.

Aún en sus momentos más álgidos, Bolívar regresa a la estabilidad anímica con la ponderada sabiduría de un profeta. [...] La derrota, aún las vacilaciones de su propia personalidad, sus instantes débiles, se resuelven siempre em una apertura hacia el porvenir, en algo que no es la simple esperanza o el deseo, sino la ceja de luz, o más bien: una lámpara encendida en su mano. (ESPRIELLA, 1999, p.62-63)²⁵.

Ao falar das idéias de Bolívar sobre a participação das nações imperialistas em acordos econômicos com as nações latinas e os perigos das relações comerciais entre ambas, Consuegra afirma:

Así entendió Bolívar con claridad. Y aunque a un conductor e ideólogo universal como él no se lê puede exigir detalles pó complicaciones técnicas y tácticas, la verdad es que del conjunto de su pensamiento social bien se puede entresacar los critérios indispensables para armar una doctrina capaz de servir de fundamento a la política econômica del futuro.(CONSUEGRA, 1999, p.9)²⁶

Percebe-se que, a partir da interpretação dos escritos de Bolívar, esses autores construíram uma visão idealizada e apaixonada de quem eles freqüentemente denominam “el genial libertador”. Bolívar aparece como ser um místico, sacralizado, do qual é impossível duvidar, questionar ou atribuir erros. Esse tipo de construção descaracteriza a

historicidade do sujeito e não pode ser tomada como a verdade, ou a única verdade a cerca de Bolívar, mas como interpretações e possibilidades a respeito do viver e do agir do mesmo.

Vale ressaltar que a história é feita de interpretações, mas não se pode relegar a importância da criticidade em relação aos sujeitos históricos, documentos e fatos, tendo em vista que todas as ações humanas estão inscritas em determinado tempo e espaço, e não é função da história sacralizar os sujeitos, mas, pelo contrario, dessacralizá-los, torná-los passíveis de crítica histórica.

Questionar o herói é questionar também tudo que ele representa. Historicizar Simón Bolívar é historicizar também a sua “utilidade” dentro da construção de uma identidade latino-americana, seu poder de legitimação de políticas governamentais e a sua simbologia sobre o imaginário coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da imagem de Simón Bolívar como herói no imaginário coletivo é um processo complexo, que não parte apenas das políticas governamentais ou da ideologia do Estado, mas é também uma reapropriação por parte da sociedade latino americana de ideais de luta e de liberdade, embora o Estado também se utilize desses “heróis” para legitimar suas ações.

O pensamento bolivariano possui certamente, sua vigência no contexto político e econômico latino americano atual, mas não se pode ressuscitar esse pensamento de forma integral, visto que Bolívar e os seus discursos são históricos, ou seja, inscritos no tempo e no espaço. Por isso, leituras exaltadoras como as de Consuegra Higgins e de Ramiro de La Espriella contribuem para o processo de mitificação dos sujeitos históricos, e pretendeu-se neste artigo, fazer uma leitura crítica acerca da produção em torno de Simón Bolívar, pois questionar o herói é questionar tudo que ele representa, sem desmerecer, no entanto, seus feitos e seus ideais.

Diante da análise dos discursos e escritos de Simón Bolívar, compreendeu-se o porquê de algumas construções historiográficas fazerem uma exaltação e deificação desse sujeito histórico. A forma como se expressa em seus escritos é de fato apaixonante e sedutora e requer cautela por parte de quem os analisa, para que não seja influenciado por essa escrita de um homem com tão hábeis palavras e convicções ideológicas e no final de um trabalho de pesquisa e escrita, não ser tentado a também chamá-lo de “genial libertador”.

NOTAS

¹ CARVALHO, José Murilo. A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

² Disponível em: < <http://www.simon-bolivar.org/bolívar>>. Acesso em 10 de abr. de 2008.

³ Disponível em: <http://www.simon-bolivar.org/bolívar/dis_angostura.html>. Acesso em: 10 de abr. de 2008.

⁴ CARVALHO, José Murilo. op.cit. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁵ MICELI, Paulo. O mito do Herói Nacional. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

⁶ GOTT, Richard. À Sombra do Libertador: Hugo Chávez Frias e a Transformação da Venezuela. São Paulo: 2004.

⁷ Disponível em: <http://www.geocities.com/jones_0980/Discurso_de_Hugo_Chavez.doc>. Acesso em: 08 de abr. de 2008. (Grifo Nosso)

⁸ GOTT, Richard. op.cit. São Paulo: 2004.p.137.

⁹ Discurso do Presidente Brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, na III Reunião de Presidentes da América DO sul, por ocasião do anúncio da Rodovia Interoceânica, em Cusco no dia 8 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.politicos.br101.org/discurso-do-presidente-lulal-rodoviia-interoceanica.html>>. Acesso em: 08 de abr. de 2008. (Grifo Nosso)

¹⁰ CARVALHO, José Murilo. op.cit. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.55.

¹¹ Sobre conceito de Estrutura e Consumo, ver: CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano: 1. Artes do Fazer. Petrópolis, RJ: Paz e Terra, 1990.

¹² CARVALHO, José Murilo. op.cit. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.55.

¹³ MICELI, Paulo. op.cit. São Paulo: Contexto, 1997.p.12.

¹⁴ LYNCH, Jonh. As Origens da Independência da América Espanhola. In: BETHELL, Leslie (org). Historia da América Latina: Da Independência até 1870. vol. III. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004.

¹⁵ SILVA 1937 *apud* FIGUEROA, Federico Brito. *Contemporaneidad Del Pensamiento Político de El Libertador*. In: Simom Bolívar: Economista, ideólogo, político y periodista, Barranquilla: Simóm Bolívar, 1999.p.99.

¹⁶ Retirado da carta de Simóm Bolívar escrita para Carreño Rodriguez no seu retorno da Europa a Colômbia em 1823. Disponível em: <<http://www.efemeridesvenezolanas.c>>. Acesso em 29 de abr. 2008

¹⁷ Em seu testamento, Simóm Bolívar doa a universidade de Caracas “O Contrato Social” de Rousseau, obra que pertenceu à biblioteca de Napoleão Bonaparte. Disponível em: <<http://www.simon-bolivar.org/bolívar/tetamento.html>>. Acesso em 10 de abr. 2008.

¹⁸ HIGGINS, José Consuegra . *Las Ideas Econômicas de Simóm Bolívar*. In: Simom Bolívar: Economista, ideólogo, político y periodista, Barranquilla: Simóm Bolívar, 1999.

¹⁹ FIGUEROA, Federico Brito. *Contemporaneidad Del Pensamiento Político de El Libertador*. In.op.cit.1999.

²⁰ Franguimento da Carta de Jamaica. Diponível em:< <http://www.simon-bolivar.org/bolívar/cartadejamaica.html>>. Acesso em 10 de abr. de 2008.

²¹ Bolívar apud HIGGINS, José de Consuegra.op.cit.1999.

²² Fraguimento da Carta de Jamaica.op.cit.Acesso em 10 de abr. de 2008.

²³ ESPRIELLA, Ramiro de La. *Las Ideas Políticas de Bolívar*. In: Simom Bolívar: Economista, ideólogo, político y periodista, Barranquilla: Simóm Bolívar, 1999.p.59.

²⁴ Ibidem.(Grifo Nosso)

²⁵ Ibidem.

²⁶ HIGGINS, José de Consuegra.op.cit,1999.